

EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

11. BARILOCHE É ELEGANTE?



Eu morei entre os quatro e os dezesseis anos de idade em Indianópolis, em São Paulo. Era, nos anos de 1960, um bairro relativamente distante do centro (para se chegar de ônibus até o Anhangabaú nunca era menos de uma hora), mas não constituía parte da periferia que já se conformava na grande metrópole industrial. Era tipicamente um bairro de classe média, mas havia algumas famílias – comerciantes, artistas de TV, médicos etc. – que compunham um segmento de médio a alto poder aquisitivo que também habitava neste bairro, de onde se podia ver, a partir de alguns sítios, a pista do Aeroporto de Congonhas.

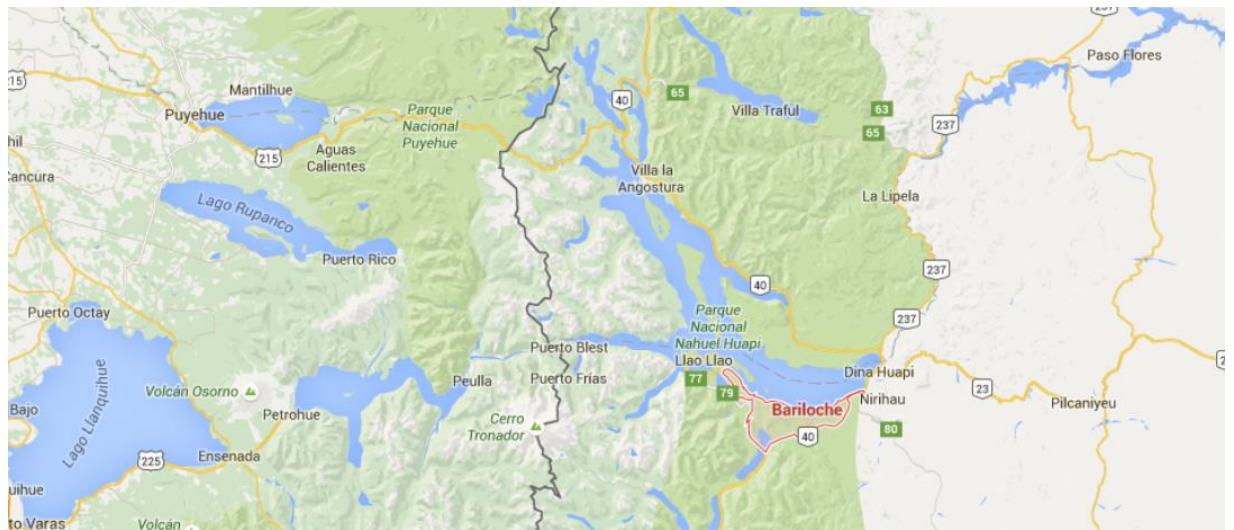
Foi mais ou menos no ano de 1965, há cinquenta anos, portanto, que, morando neste bairro, eu ouvi falar pela primeira vez em Bariloche. Uma família, cujos filhos conviviam com a gente nas brincadeiras de queimada e, um pouco mais tarde, nos bailinhos das tardes de sábado ao som de Roberto e Erasmo Carlos, ia passar férias em Bariloche. A notícia correu rapidamente, por entre os conhecidos, pois mesmo sendo uma metrópole, a vida de bairro existia e todo mundo sabia mais ou menos quem era quem: onde se trabalhava, onde se estudava, quantos moravam em cada casa, se tinham carro ou não etc.

Ir para Bariloche (que eu não sabia onde ficava) foi considerado um indicativo de que eles “estavam muito bem de vida”, ou ainda, que “deviam estar ricos”, pois mandaram “vir do estrangeiro” (não se falava do exterior) casacos de frio e roupas para esquiar. Era uma família sírio-libanesa, que tinha lojas de tecidos finos na Rua Augusta, o *point* do consumo moderno de São Paulo, neste período. A mãe dos meninos, que eram nossos amigos da rua, havia providenciado um *tailleur* novo para a viagem, com sapatos e bolsas de duas cores, porque era assim que as mulheres se portavam para embarcar ou desembarcar em Congonhas. Será que ela viajou de chapéu e luvas de camurça?

Assim, Bariloche entrou no meu imaginário, como um lugar de gente chique e rica. Por muito tempo, esta cidade encrustada no sopé dos Andes e separada do Chile por lagos, continuou a ter

esta aura elegante. No entanto, desde que as agências de turismo de massa têm pacotes turísticos para lá, a serem pagos em dez vezes, digamos assim, que a Bariloche com a qual eu sonhei aos dez anos de idade, deve ser muito diferente da que eu vejo agora.

Hoje é um centro turístico que recebe gente de toda a Argentina (no verão, principalmente jovens em férias, porque no inverno a temporada é mais cara), algumas pessoas da Europa (pelo que pude observar, pelas línguas faladas aqui ou ali, italianos e franceses) e muita gente, mas muita gente mesmo do Brasil.



O nosso hotel, como a maior parte das casas, apartamentos e opções de hospedagem de padrão um pouco melhor, está de frente para o lago. Ficamos no Design Suites Hotel, cuja localização aproximada está assinalada com um círculo amarelo no segundo mapa. Apreciar o amanhecer e o entardecer, da janela do apartamento ou do restaurante do hotel é muito prazeroso. A cor da água é azulada e o brilho do sol produz tonalidades prateadas que dão graça a tudo que se vê. Tivemos a sorte de ter um céu azul de brigadeiro (para adotar a expressão que minha avó adorava) e um sol brilhante que ajudava a amenizar os ventos fortes que correm pela cidade o tempo todo. Aproveitamos, para diante deste cenário tão bonito, brindar os nove anos de casados de nosso filho Caio e nossa nora Fabi, comemorados neste dia 13 de janeiro de 2016.

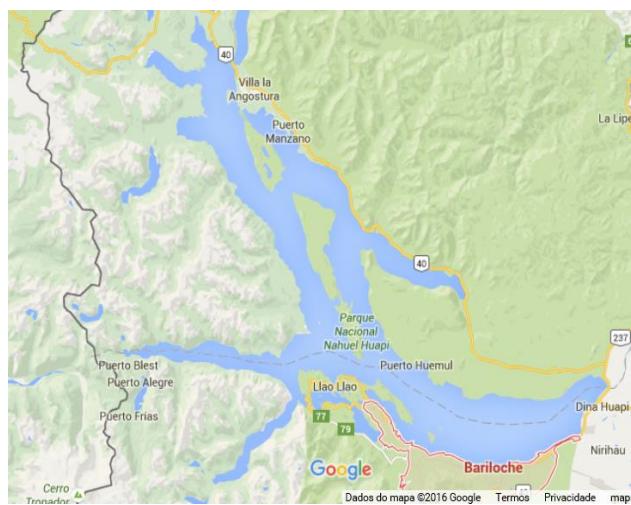


Nahuel Huapi é o nome do Parque Nacional que envolve Bariloche, o lago homônimo e a Villa Angostura (que não pudemos conhecer e é novo *point* dos ricos). A grande lâmina d'água tem uma extensão de 557 km² que alcança a fronteira entre a Argentina e o Chile, onde se destaca um vulcão extinto – o Cerro Tronador – com cerca de 3.500 metros de altitude.

Conhecemos um pedacinho de nada deste grande parque por meio do passeio de catamarã que fizemos durante toda uma jornada. Para chegar até o porto já se faz uns 25 km em torno do lago, parte do que eles chamam de o '*Círculo Chico*'. Não, senhor leitor, não é o circuito do Francisco, mas o '*Círculo Pequeno*', em contraponto ao maior que é composto por parte muito grande do perímetro do lago.

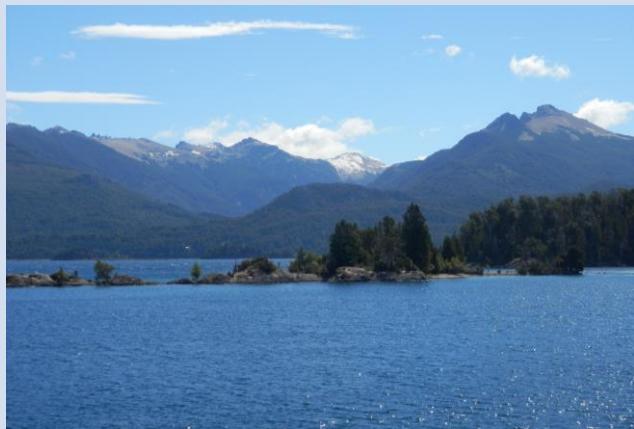
Para o passeio, tomamos o Cau Cau. 'Cau' em mapuche quer dizer riso – nesta língua todas as vezes que uma palavra é repetida quer se designar o superlativo dela, ou seja, a embarcação chama-se risíssimo, se é que há esta palavra em português...

O catamarã, primeiramente, levou-nos até uma das penínsulas que se insinuam lago adentro e depois até a *Isla Vitória* (vejam o painel que está localizado logo depois do píer de embarque na própria ilha e o mapa onde aparece a ilha representada).



A embarcação é grande, com capacidade para umas 200 pessoas. Optamos, por sugestão da agente de turismo, por ocupar um espaço mais reservado no andar superior, totalmente fechado em vidro e com serviços de bordo. Nem o serviço era grande coisa, nem o espaço era tão especial, mas valeu muito a pena por dois motivos: - a vista do andar superior era magnífica; - o vento que fazia lá fora era de rachar.

Mesmo assim, tanto nós, os três casais que estávamos neste tal andar 'superior', como as outras quase duas centenas de passageiros que estavam acomodados no andar de baixo, gostaram muito de estar na varanda externa, para oferecer um petisco qualquer às inúmeras gaivotas que, suponho, eram as contratadas pelo Cau Cau para virem nos presentear com seus vôos rasantes. Se são remuneradas à altura do espetáculo que proporcionam eu não sei, mas são elas um dos pontos altos do circuito, isso eu tenho certeza.



Na Isla Victoria, eles nos convidam a escolher entre dois trajetos – um de 500 m e outros de 4 km – e, claro, muito valentões que queremos parecer, escolhemos o segundo. Foi interessante, porque o guia ia dando explicações sobre a formação do parque, a iniciativa de trazer espécies arbóreas do mundo todo para tornar aquele espaço um campo experimental (até sequóias vindas da Califórnia há por lá), as mudanças que a vegetação experimenta sazonalmente por causa das temperaturas baixas no inverno etc.

O duro não foi a distância, em que pesem aclives e declives, mas a poeira que comemos – eram

50 pessoas andando a pé num terreno todo sobreposto por cinzas vulcânicas que estão lá testemunhando a grande erupção do **Puyehue**, que foi capaz de fechar os aeroportos de Buenos Aires (a mais de 1000 km) e de Santiago (a outras tantas centenas de km).

O passeio valeu a pena, mas a permanência nesta ilha por três horas é muito, para nós brasileiros, sobretudo porque quase duas horas do tempo é destinado ao que o guia chamou de "*la antesala de los cielos, una de las más bellas playas del mundo*", que vocês podem ver nas fotos que se seguem...

Vá lá que os descendentes dos mapuches estão muito longe do Atlântico e com os Andes lhes separando do Pacífico, mas chamar esta praia do lago de uma das mais lindas do mundo é demais: a faixa de areia era mínima; estava bem suja de lavas vulcânicas; a água era límpida, mas gelada; e, para nós, é muito estranho irmos para a praia de roupa de caminhada e tênis...

Assim, só resta procurar uma sombra.





Fazendo um balanço, talvez por causa das expectativas geradas pela lembrança de minha infância, Bariloche ficou um pouco aquém do esperado, mas vale muito a pena a visita. É provável que se tivéssemos por lá no inverno, tudo seria diferente.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2016